

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE ARTES E DESIGN
PÓS-GRADUAÇÃO EM MODA, CULTURA DE MODA E ARTE

TATUAGEM: UMA QUESTÃO DE MODA?

Rachel Lopes Bretas Burkowski

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Artes e Design como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Moda, Cultura da Moda e Arte, sob orientação da Prof^a Dr^a Regina Coeli Moraes Kopke.

Juiz de Fora
Janeiro 2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE ARTES E DESIGN
PÓS-GRADUAÇÃO EM MODA, CULTURA DE MODA E ARTE

TATUAGEM: UMA QUESTÃO DE MODA?

Rachel Lopes Bretas Burkowski

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Regina Coeli Moraes Kopke – Orientadora

Profª. Drª Priscilla de Paula .

Profª. Drª Valéria Faria

Juiz de Fora
Janeiro 2009

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
1. UM OLHAR SOBRE A HISTÓRIA DA TATUAGEM	7
1.1 A tatuagem no ocidente.....	8
1.2 A tatuagem moderna no Brasil.....	11
2. PERFIL DO PÚBLICO	14
2.1 Predominância feminina.....	15
2.2 Perfil etário	16
2.3 Quem são os tatuados	17
3. A MODA DA TATUAGEM (DESENHOS, ESTILOS, REGIÕES DO CORPO) ...	20
3.1 Os vários estilos tatuagens	21
3.2 Os desenhos femininos e masculinos	21
3.3 Originalidade e modismos	31
4. A TATUAGEM COMO EXPRESSÃO DE UM MOMENTO NA VIDA	32
4.1 A procura pelo “ser diferente”	32
4.2 A necessidade de tatuar-se	33
4.3 Uma Experiência Exclusiva: a da Autora	34
4.3.1 O desenho	36
4.3.2 O significado	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	40

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Tatuagem de anjo	23
Figura 2 – Tatuagem de Golfinho	23
Figura 3 – Tatuagem Tribal	25
Figura 4 – Tatuagem de Borboleta	26
Figura 5 – Tatuagem de Flores de Cerejeira	26
Figura 6 – Tatuagem Indígena.....	26
Figura 7 – Tatuagem de Caveira	27
Figura 8 – Tatuagem da Betty Boop	27
Figura 9 – Tatuagem de Cruz	28
Figura 10 – Tatuagem de Sol e Lua.....	28
Figura 11 – Tatuagem de Coração	29
Figura 12 – Tatuagem Oriental de Cobra	29
Figura 13 – Tatuagem Oriental de Dragão	30
Figura 14 – Tatuagem da Personagem de Quadrinhos Elektra.....	30
Figura 15 – Tatuagem de Estrelas	31
Figura 16 – Tatuagem da Autora	39

INTRODUÇÃO

A presente monografia foi estruturada para mostrar a tatuagem como uma prática contemporânea que saiu da marginalidade e se introduziu num contexto mais amplo, dentro de diversos setores sociais, sendo muito mais do que um fenômeno de moda.

A primeira mudança que se percebe e que se considera neste estudo é quanto ao público da tatuagem, que passou de majoritariamente masculino e jovem para principalmente feminino e jovem, mas essencialmente indivíduos adultos. Se há algumas décadas esta prática era somente vista nos homens, hoje a realidade é outra.

A idéia de que a tatuagem é uma prática somente realizada pelos jovens, foi logo derrubada pelas pesquisas feitas no estúdio de Tatuagem e Body Piercing by Mauro Jorge de Juiz de Fora; em algumas dissertações sobre o assunto, em páginas da internet sobre tatuagens e na bibliografia revisada sobre a temática. Assim permite-se enxergar um público mais adulto, que está além do que é considerado como juventude. Até recentemente, como será mostrado adiante, que o público da tatuagem mudou de perfil. O seguinte estudo tenta compreender estas mudanças e suas possíveis causas.

O outro estudo mostrado nesta monografia é a da marcação do corpo através das tatuagens na busca da autonomia pessoal. As mulheres, neste sentido, também foram muito importantes, pois foi com seu ganho de autonomia nas sociedades ocidentais, que acabaram se tornando o público majoritário dessa prática. Observa-se, a construção de individualidade, onde as tatuagens são relacionadas a um exercício da autenticidade.

O universo da tatuagem está segmentado em função do gênero. “Desenhos femininos” são estilos de tatuagem opostos aos normalmente pensados para os homens. Os locais do corpo também são escolhidos pelos clientes em função de sua associação com o feminino e o masculino, raramente ocorrendo inversões. Sendo assim, ombro e braços são locais escolhidos por homens, por exemplo, enquanto lombar e nuca são lugares

preferidos por mulheres. A dimensão também influencia, sendo a tatuagem grande, tida como 'coisa' de homem. Homens, em geral, tatuam caveiras, dragões, tribal, enquanto as mulheres preferem tatuar flores, anjos, estrelas e compartilham também o tema tribal.

Destacam-se alguns autores sobre o tema da tatuagem: o sociólogo norte-americano Clinton Sanders (1998) e o antropólogo francês David Le Breton (2002), sendo cada um com sua forma de abordagem, mas com pontos em comum sobre a arte de se tatuar nos dias de hoje: a busca da identidade pessoal e a vontade de se afiliar a uma categoria social.

Sobre os estudos atuais da tatuagem no Brasil, destaca-se Célia Ramos (2001), que faz sua análise na comunicação semiótica, e coloca a tatuagem como uma forma de inscrição no corpo, relacionando-a à etimologia da palavra tattoo e sua sonoridade "tato".

Bourdieu (1982) dimensiona a prática da tatuagem atual de uma forma global. Ele destaca as interações sociais que ocorrem durante o ato de tatuar-se, que no todo configura um movimento, uma dinâmica, em que o social é colocado em intercâmbio com a experiência.

Le Breton (2002) compreende também o sentido do corpo e das modificações corporais, usando-se a prática da tatuagem, para demonstrar um ponto central da construção do indivíduo e de sua identidade ao interior da sociedade ocidental.

Assim sendo, organiza-se e desenvolve-se este trabalho na seguinte ordem: no Capítulo 1, apresenta-se uma síntese sobre o desenvolvimento histórico da tatuagem ocidental a partir do contato entre ingleses e nativos do Pacífico Sul introduzindo a prática da tatuagem entre os marinheiros e espalhando para outros grupos europeus. Depois se espalhou além da Europa, dando início ao processo de sua popularização. Dessa forma, mostra-se que o desenvolvimento histórico é fundamental para se entender a tatuagem contemporânea, a sua popularidade, com o culto ao belo, tentando "limpar" de uma forma simbólica a imagem estigmatizada da tatuagem rompendo aos poucos as barreiras de classe, geração e gênero.

No Capítulo 2, apresenta-se o perfil do público a partir dos trabalhos, obras, livros e páginas na internet pesquisados. A faixa etária e o sexo são os dados principais. Desta forma, percebe-se uma predominância feminina e a

presença de uma clientela não tão jovem da prática. E percebe-se também que apesar das pessoas estarem cobrindo seus corpos com tatuagens, levam uma vida “normal” dentro de diferentes espaços profissionais e sociais.

No Capítulo 3, descreve-se quais os desenhos que são mais comumente tatuados a partir de literatura da área e pesquisa em campo, identificando que o gênero influencia tanto nos desenhos quanto nos locais do corpo a serem tatuados. Mostram-se as relações entre os desenhos e seus significados e, ainda, a relação entre a marca e o grupo com o qual o tatuado se identifica, como uma espécie de pertencimento. Mas também, como a tatuagem é vista como expressão artística, relacionada como uma expressão de individualidade, que deve ser original ou autêntica. Percebe-se, portanto, que idéias de subjetividade, individualismo, expressão pessoal e, ao mesmo tempo, cópia, imitação e pertencimento constituem uma dicotomia presente na escolha pelos desenhos a serem tatuados, seguindo esta, ainda, uma diferença entre os gêneros.

No Capítulo 4, aprofunda-se na busca da diferenciação através da liberdade da opção por marcar os corpos tatuados, enfrentando a dor, mas sendo maior o desejo de se embelezar ou usar seus corpos como arma de sedução. Este capítulo mostra que o indivíduo está à procura de se tornar especial, ser singular, e através da necessidade de se tatuar, expressar seus sentimentos. A idéia do “pra sempre”, faz pensar numa forma permanente de marcar o corpo expressando algum momento ou sentimento importante.

Cada capítulo está estruturado de acordo com alguns aspectos relativos ao universo da tatuagem contemporânea, que no sentido etnográfico, é uma forma a mais que o indivíduo utiliza pra construir um sentido para sua existência, mostrando autonomia sobre si mesmo.

1. UM OLHAR SOBRE A HISTÓRIA DA TATUAGEM

A tatuagem é o procedimento pelo qual um pigmento é inserido abaixo da camada superficial da pele. Este pigmento torna-se permanente. De modo geral, o pigmento deve ser mais escuro do que a pele marcada, para que seja visível, e deve ser inserido com algum tipo de objeto pontiagudo, assemelhado a uma agulha. Pode-se esfregar o pigmento na pele e depois perfurá-la, de modo a introduzi-lo no corpo; pode-se também picar a pele com a agulha e depois esfregar o pigmento, ou ainda, molhar a agulha em pigmento e inserí-la na pele. Os pigmentos podem ter origem vegetal, animal ou mineral. Tudo isso varia de acordo com a cultura de cada local.

Contar toda a história da tatuagem seria uma missão difícil, embora já existam algumas obras mais completas e mesmo estas ficaram longe de alcançar esse objetivo. A intenção é apresentar alguns dados sobre a história da tatuagem no Ocidente, pois esta é fruto de um percurso histórico bem definido que auxilia na compreensão sobre a Tatuagem Contemporânea.

Existiu um esquecimento do papel da tatuagem em certas partes da vida social decorrente do lugar que o corpo ocupou na cultura ocidental a partir da modernidade. A separação entre corpo e mente tornou os assuntos da mente muito mais interessantes aos olhos dos acadêmicos do que os assuntos do corpo. Segundo Revel e Peter (1972), “o corpo está ausente da história e da historiografia, aparecendo apenas sob o discurso médico – principalmente nos episódios de epidemias – e as estatísticas demográficas”. E assim a tatuagem caiu em um esquecimento etnocêntrico, vista como uma decoração sem importância, reabilitada apenas recentemente.

Houve época em que as pessoas associavam o ato de tatuar com uma propensão à criminalidade ou à marginalidade, e hoje, a tatuagem sai da clandestinidade para ganhar as passarelas da moda, da mídia, do mercado e da rua, como bem mostra Randall e Polhemus (2000) a seguir:

Num olhar quase antropológico, há registros visuais da tatuagem nas múmias. Os nativos da Polinésia, Filipinas Indonésia, Nova Zelândia(maori), tatuavam-se em ritos de

religião ou guerra. Os maoris se destacavam pelas tattoos nos rosto: o moko. Celtas e Vikings, dinamarqueses, normandos e saxões, também desenvolveram estilos de tatuagem. A técnica pouco varia, mas desenhos e motivos das pinturas são singulares de cada cultura. A tattoo nas Américas popularizou-se nos anos 70, na Califórnia: berço de reproduções de Marilyn Monroe, James Dean e Jimmy Hendrix. Também, os surfistas lançaram a moda de braços decorados com dragões, serpentes, tigres e águias (RANDALL e POLHEMUS, 2000, p. 169 -170).

Este universo da tatuagem é bem específico e possui características próprias, e neste trabalho mostrar-se-á o contexto global onde se insere esse universo, a interação que dele faz parte e o imaginário que se cria em seu entorno.

O problema do estigma social que acompanha a prática da tatuagem dentro de sua história no Ocidente até os dias de hoje, é menos intenso, mas o interessante é que esse estigma é algo voluntário, porque a pessoa não nasce com ela, nem é induzido socialmente a fazê-la, é uma decisão do próprio indivíduo como opção de vida.

Assim, através de tais conceitos é possível ver a face da tatuagem contemporânea, mas sendo necessário retornar à alguns episódios históricos no Ocidente para que permita uma comparação com as diferenças particularidades adquiridas com o tempo.

Desta forma, primeiro existe uma reflexão sobre os contextos da tatuagem no mundo ocidental, e em seguida, uma dinâmica sobre a chegada da tatuagem no Brasil e sua crescente aceitação por vários grupos e idades da sociedade contemporânea.

1.1A TATUAGEM NO OCIDENTE

A redescoberta da tatuagem no Ocidente está vinculada às grandes expedições marítimas que se realizaram durante o século XVIII. E, em especial, às ilhas do Pacífico, onde foi observado que a tatuagem era uma

prática tradicional, bastante expandida¹ e com importantes funções sociais (GROGNARD, 1992, p. 22). Muitos marinheiros começaram a se interessar por esta arte, fazendo-se tatuar, transformando, dessa maneira, seus próprios corpos numa tela para ser exibida aos incrédulos olhos do Ocidente. Apesar de que já se tinha conhecimento de diferentes marcas corporais existentes entre os povos “primitivos”, somente quando os marinheiros e viajantes marcaram suas peles foi a tatuagem se aproximou e começou seu caminho no Ocidente.

Assim, socialmente a prática da tatuagem no Ocidente se deu a partir do contato com outras culturas, distantes e diferentes, cujas artes, tais como as tatuagens, eram vistas como “exóticas”. Um exotismo que seduzia os viajantes, que se tornaram intermediários de um conhecimento através de suas viagens. Ao ir e se tatuar, e retornar e se mostrar, começaram a aprender e experimentar em seus próprios corpos.

Depois, durante o século XIX e começo do XX, a prática da tatuagem seguiu para uma fase de peregrinação pelos caminhos marginais da sociedade, nos quais presidiários, meretrizes e soldados tornaram-se os novos protagonistas dessa prática. Por conseqüência, os ambientes sociais por onde começavam a praticar a tatuagem eram as penitenciárias, os quartéis, os cárceres e a rua.

Dentre esses ambientes, cabe destacar o cárcere, onde a tatuagem cobrou uma significativa importância, a ponto de ser conhecida popularmente como a “flor do presídio” (GROGNARD, 1992, p. 25). Nesse cenário, aprendia-se a tatuar, praticava-se, experimentava-se, realizava-se a primeira tatuagem, era um público cativo, mais da metade de sua população tinha tatuagens (LE BRETON, 2002, p. 51).

Com isso, a tatuagem passou a se situar socialmente nas margens da sociedade, tendo um novo contexto e referência sócio-cultural. Isso acabou gerando uma idéia negativa em torno dessa prática, que levou ao imaginário social um sentido de referência e equivalência entre tatuagem e marginalidade.

Essa idéia só começou a mudar a partir da invenção da máquina elétrica, em 1891, pelo norte-americano Samuel O'Really, que revolucionou o

¹ Re-descoberta porque a prática da tatuagem teve diferentes manifestações dentro do mundo Ocidental, mas por causa do cristianismo na Idade Média, foi abolida. Estou me referindo à Modernidade, período em que retorna à sociedade ocidental.

exercício deste ofício, como: a redução do tempo de trabalho, sendo antes necessário horas para poder realizar uma tatuagem, depois passaram-se necessários minutos, e a qualificação técnica também foi aperfeiçoada dando um acabamento muito melhor de seus traços, dos contornos, do brilho e do colorido. Com isso, a máquina elétrica marcou o tatuador moderno e também o início de sua profissionalização. Apesar de sua aprendizagem continuar sendo por observação, pela experiência e pelo desenvolvimento na mesma prática, agora possui um agregado especial e o uso adequado da máquina elétrica, cujos “segredos” e “pequenos truques” só se trocariam dentro de círculos bastante restringidos (PIERRAT, 2000, p. 210).

No começo do século XX, cidades como São Francisco e Nova Iorque, onde começaram a aparecer diferentes estilos e públicos, ampliou-se o campo de oferta e procura da tatuagem, transformando-a aos poucos numa prática profissional. Com isso, mudou-se inclusive o cenário dentro de algumas cidades de Estados Unidos e Canadá, onde os estúdios que, em seus inícios, funcionavam dentro de barbearias ou casas de bilhar, com o passar do tempo, estabeleceram-se independentemente (PIERRAT, 2000, p. 210).

Em especial as dos anos 60 e 70, quando a tatuagem tornou-se em um “privilegio das culturas marginais”, inicialmente, com grupos como os rockeros, os teddy boys, bikers, os Hell’s Angel (LE BRETON, 2002, p. 61), que usaram a tatuagem como um ornamento, associando às suas roupas, que os identificava e marcavam sua vontade de estar à margem da sociedade. No final dos anos 70, essa tendência se tornou mais radical. A tatuagem passou a se difundir entre os punks e os skinheads que utilizavam seus corpos como forma de protesto social, através de roupas e gestos agressivos e de modificações corporais. A tatuagem tinha uma conotação negativa, de mostrar publicamente sua decisão de diferenciar-se e de romper com as convenções sociais.

Nessa época, a tatuagem já tinha mais de setenta anos de má reputação e muitos a conheciam como uma “marca da marginalidade”, ou seja, sua prática já tinha uma história de estigma e de desprestígio. E essa era justamente a busca que tinha as tribos juvenis desse período: adotar uma marca negativa que se acoplasse a seus “códigos de vestuário” (PIERRAT, 2000, p. 212), com o fim de ostentar publicamente sua vontade de romper com

as regras sociais, de agredir a sociedade e de situar-se deliberadamente em suas margens. Com isso a tatuagem ganhou, então, uma nova conotação dentro do imaginário coletivo: a rebeldia juvenil e sua associação aos excessos, principalmente, ao uso de drogas.

1.2 A TATUAGEM MODERNA NO BRASIL

Na Europa e em grande parte dos países latinos, até os anos sessenta, esta prática permaneceu itinerante e manual, centrada na figura dos tatuadores, que se deslocavam por diferentes ambientes à procura de clientes.

Foi dessa forma também no Brasil, com a diferença de que seu desenvolvimento foi muito mais lento, pois os primeiros núcleos de crescimento e aperfeiçoamento dessa prática foram na Europa e posteriormente nos centros urbanos de Estados Unidos. Com isso, o acesso ao conhecimento e às técnicas foi bastante limitado e dependeu do contato com tatuadores estrangeiros que, chegando ao Brasil, tornaram-se intermediários desta nova dinâmica na prática da tatuagem.

Entre os tatuadores que vieram para o Brasil, está Tattoo Lucky, que se tornou um ponto de referência fundamental para as novas gerações de tatuadores e inclusive para o público antigo da tatuagem. Lucky aparece como um “mito de origem” da prática contemporânea da tatuagem. Tanto que o citarei algumas vezes ao longo desse trabalho, mostrando o quão importante foi esta personagem para a história da tattoo no Brasil.

Mas quem é Lucky e qual a importância dele neste processo? Tattoo Lucky², era a forma como o conheciam, foi um imigrante dinamarquês, marinheiro, de família de tatuadores, que chegou ao Brasil em 1959 e aqui ficou até sua morte em 1983 (MARQUES, 1997, p. 175). Sua fama dentro do cenário da tatuagem se explicava pelo seu conhecimento da técnica moderna

² Seu nome original era Knud Harald Likke Gregersen , mas, é como é comum os tatuadores usarem apelidos que sejam mais acessíveis ao público, como neste caso, Lucky, que, em inglês, significa sorte.

e, especialmente, em seu domínio da máquina elétrica, no momento em que a tatuagem ainda era praticada à mão. Lucky se instalou na cidade de Santos, onde abriu duas lojas ao público (MARQUES, 1997, p. 178), inaugurando assim uma nova fase da tatuagem, que era praticar em um local fixo, conhecidos como: estúdios de tatuagem. A novidade dos estúdios e a fama em torno de Lucky, fizeram com que a cidade de Santos se tornasse num lugar de peregrinação aonde chegavam jovens de diferentes regiões do Brasil para serem tatuados.

Para as gerações modernas de tatuadores e, em especial, para seus pioneiros, Lucky foi mesmo uma referência, como o caso de Stopa, um dos mais importantes pioneiros da tatuagem moderna no Brasil, que reconhece seu aprendizado ao lado de Lucky: “Aprendi com Lucky, observando, ele não ensinava, aí, eu ia na loja dele para levar os meus amigos para se tatuarem e eu ficava olhando como era que ele fazia, assim foi como aprendi a tatuar...” (STOPA, 2003).

Stopa decide montar no ano de 1978 seu próprio estúdio na cidade de Santo André (SP), trabalhando com máquinas artesanais feitas por ele, até transformar-se num dos principais fabricantes de máquinas de tatuar no Brasil. Assim, a tatuagem começou a ser feita com máquinas elétricas:

Entrou em ação o jeitinho brasileiro. Gravadoras, vitrolas, aparelhos e barbear e aceleradores de autorama forma sacrificados em nome da arte. Assim que alguém conseguia uma máquina americana ou inglesa, tratava de desmontá-la e decifrá-la. Boa parte das máquinas usadas nas primeiras lojas veio dessa reciclagem (MARQUES, 1997, p. 192-193).

E assim, o processo de aprendizagem que se seguiu foi sendo formado por grupos que tinham algum laço de proximidade, que começou com o tatuador Lucky e continuou com seus “filhos”, que por sua vez, tornaram-se mestres e foram passando seus conhecimentos para as próximas gerações.

Atualmente existem artistas e profissionais que direcionam os interessados às novidades da “arte na pele”, com feiras, festivais, exposições e congressos. Assim, como a assinatura de um quadro de arte, há a assinatura

de reconhecidos artistas tatuadores. Tal qual o pintor pinta a tela, o tatuador utiliza a superfície do corpo para mostrar sua arte.

Veremos que o perfil do público interessado em fazer do seu corpo uma forma de expressão artística, mudou ao longo dos anos.

2. O PERFIL DO PÚBLICO

De acordo com as afirmações observadas em algumas teses, dissertações, em páginas na internet e no estúdio de Tatuagem e Body Piercing by Mauro Jorge, verificou-se que nem sempre a maioria dos clientes são os jovens. E embora esse universo seja normalmente associado ao masculino, em campo, identifica-se um público majoritariamente feminino e um pouco mais maduro.

Este estudo possibilitou indicar que a tatuagem não é apenas mais uma prática da juventude, mas uma forma de marcação corporal que atinge também outros públicos. Porém, ainda existem muitos jovens que procuram a tatuagem. E hoje em dia os estúdios procuram não fazer as tatuagens em menores de idade, ou somente com autorização de seus responsáveis por escrito.

Esta situação indica ainda uma preocupação ou intromissão da família, forma como é vista por alguns jovens, que possuem essa necessidade de romper com este *status* de menoridade. Não no sentido jurídico, mas valorativo que os leva a fazer suas primeiras tatuagens assim que completam 18 anos. Essa marca parece ser um indicativo de liberdade – uma liberdade sobre o próprio corpo que se conjuga a uma liberdade de escolhas. É um processo que se percebe também em algumas mulheres de diferentes faixas etárias em que a resistência da família, sobretudo nas figuras do pai e do marido, foi rompida com afirmações do tipo “esse corpo é meu”, mostrando uma necessidade de uma autonomia individual.

Como afirma Berger, 2006 :

“o corpo é um reflexo da sociedade que articula significados sociais e não apenas um complexo de mecanismos fisiológicos; assim sendo, é impossível pensar o corpo sem considerar a pluralidade de sentidos que ele engloba. Através de seus corpos, o homem concebe relação com o cosmos, com os deuses, com os valores centrais de seu tempo e lugar, e dele utiliza-se pra proceder mecanismos de inclusão e diferenciação, fazendo do mesmo um indicador de status e proclamando através deles os valores constitutivos do indivíduo ou do grupo. Toda e qualquer sociedade utiliza-se de formas específicas de marcar o corpo de seus membros”. (Berger, 2006, p. 59).

2.1 Pessoas tatuadas por gênero

Pelas pesquisas feitas em alguns trabalhos e dissertações como o de Leitão (2003), a tatuagem “é utilizada pelas mulheres como uma forma de embelezamento e cuidado de si, traduzido no cuidado com o corpo, com o sentido contemporâneo de embelezá-lo”. Com os anos, a relação tatuagem/sexo mudou bastante. Antes a predominância absoluta era masculina. Com o passar dos anos, principalmente no final da década de noventa, esse perfil começou a mudar com a maioria no setor feminino, que no ano 2000, encontrava-se acima da metade do público. Como se explica essa mudança de perfil?

De acordo com a história da tatuagem, consegue-se explicar um pouco o que aconteceu ao longo dos anos. Antes, a tatuagem era sinônimo de masculinidade, agressividade, força, entre outros. Mas, quando a tatuagem começou a ser comercializada para todos os públicos, independente de sexo, idade, situação econômica, a prática da tatuagem passou a ser mais procurada pelas mulheres, que logo se tornaram suas maiores consumidoras. De acordo com Berger:

“Nas sociedades contemporâneas, malhar e cuidar da aparência faziam com que as mulheres se identificassem e identificassem as outras como membros de uma espécie de clã, no qual a forma física apresenta como referencial classificatório. Trata-se, portanto, de uma questão de identidade e de apreensão moral: numa sociedade onde o corpo malhado apresenta-se como objeto de adoração e classificação, não possuí-lo é não estar inserido. Sobre o corpo não malhado recairá um estigma e uma culpa, já que um dos pilares da ideologia do corpo perfeito recai no esforço individual”. (BERGER, 2006, p.63).

Assim, reforça Eckert (1995): “Os corpos se inserem numa vasta teia de representações, ideologias e concepções morais”.

2.2 Pessoas tatuadas por grupos de idade

Neste trabalho, ao pesquisar sobre o perfil do público tatuado, percebe-se também um significativo aumento das pessoas que se tatuam dentro das faixas de idade mais avançadas. Observa-se um crescimento nos grupos etários localizados acima dos 25 anos. Antes as idades entre 18 e 25 anos predominavam no público tatuado, e até os menores de idade eram mais numerosos do que o público adulto (considerado entre 25 e 45 anos), mas com a expedição de normas e medidas no controle dessa prática³, impediram a realização de tatuagens em menores de idade sem a autorização escrita dos pais.

Assim como houve uma mudança da distribuição dos sexos na prática da tatuagem, a comercialização também ampliou e diversificou o perfil do público em relação às idades. Antes, a predominância era da população jovem, e hoje percebe-se um crescimento significativo nas faixas etárias mais avançadas.

Esta integração da tatuagem pelos diferentes grupos de idade e, em especial nas idades mais avançadas, debate-se também no terreno dos preconceitos, porque este passo implica não só em atingir a novas faixas etárias, mas também se desprender da associação que é feita com a adolescência, ou melhor, com esse período da vida e seus valores, tais como: a "rebeldia", a "imaturidade" e a "impulsividade".

Esse novo perfil dos tatuados está relacionado ao tipo de procedência das pessoas nos grupos etários mais avançados que podem ter duas origens:

³ as medidas jurídicas que até o momento têm sido expedidas em torno do exercício da tatuagem são as seguintes: a Portaria CVS-13, de 07-08-92, do Centro de Vigilância Sanitária de São Paulo, que, no artigo 5, diz: "É expressamente proibida a realização de tatuagem em menores de 21 anos de idade, sem autorização por escrito do pai ou responsável legal"; a Lei Estadual n. 9.828, de 06-11-97, que proíbe a realização, em menores de idade, de procedimentos inerentes à prática da tatuagem e a Portaria CVS-12, de 30-7-99, do Centro de Vigilância Sanitária de São Paulo, que, no Artigo 17º, estabelece que: "É proibida a realização de prática de tatuagem em menores de idade, assim considerados nos termos da legislação em vigor". Todas estas normas jurídicas têm sido expedidas pelo Estado de São Paulo e, na atualidade, vários Estados estão também trabalhando suas próprias legislações. Mas, até o momento, este marco legal tem sido utilizado como referente pelos diversos atores dessa prática, nos diferentes contextos sociais.

de um lado, os jovens que se tatuaram na década de setenta e que com a nova dinâmica se entusiasmaram a tatuar-se de novo, e de outro, os que tomaram a decisão de se tatuar nos últimos anos. Sendo que o mais relevante é saber em que medida a tatuagem é hoje um elemento da cultura jovem, esteja ela vinculada à idéia de tribos urbanas ou não, e em que medida ela tem sido buscada por sujeitos mais velhos, pois o oposto de juventude aqui, não é a velhice. A tatuagem é considerada como uma atitude jovem. “Na praia, no shopping, na boate, na quadra de esporte, a tatuagem mostra-se como um código jovial que inspira o ar de potencialidade. As expressões visuais denominadas tattoos sinalizam traços voluntários no corpo, ao recobrir um discurso de rebeldia, irreverência, juventude” (PALOMINO, 1999).

2.3 Afinal, quem são os tatuados?

Hoje esse público tem sido formado predominantemente por mulheres, não necessariamente nas faixas etárias consideradas como *jovens*. Essa constatação quebra com um imaginário da tatuagem que a relacionava ao universo masculino e à juventude. O que um dia foi, de fato, uma prática masculina, hoje já não é mais. Essa mudança reflete não apenas nos novos caminhos do feminino e do corpo em nossa sociedade, mas possibilita perceber a procura de uma marca por este público, e a sua expansão entre as camadas além do que se considera como juventude. Esse ponto comum parece residir na idéia da marca como um manifesto da autonomia individual.

O mais importante aqui é desfazer uma associação comum entre a tatuagem e a cultura jovem, como se a prática estivesse intrinsecamente relacionada a uma procura pela juventude. O valor atribuído atualmente à uma aparência jovem, poderia servir para se compreender a atual disseminação do uso de tatuagens entre indivíduos tão diferentes (homens, mulheres, jovens, adultos, velhos, de camadas sociais e profissões diferentes, etc.).

A relação das tatuagens às outras motivações não são somente à aparência jovem. E sim, a autonomia pessoal, as idéias de autenticidade vinculada à individualidade e mudança de *status* social. Ou seja, os adultos que fazem uso de tatuagens parecem fazê-lo pelos mesmos motivos dos jovens. A mudança de *status* é aquela na qual ganha-se autonomia, usufruindo-se de uma liberdade maior do que a anterior, marcando um espaço pessoal que vai além de um desenho na pele. É uma forma a mais que o indivíduo utiliza para construir um sentido para a sua existência, fabricando sua própria transcendência pessoal.

3. A MODA DA TATUAGEM (DESENHOS, ESTILOS, REGIÕES DO CORPO)

Este capítulo trata dos desenhos mais frequentes e regiões do corpo mais procuradas para serem tatuadas. Os estilos apresentados, os dados sobre desenhos mais procurados e locais do corpo mais tatuados, foram observados em campo e através da literatura da área.

A região a escolhida e o desenho a ser tatuado estão totalmente relacionados às diferenças de gênero. Os desenhos preferidos pelos homens aqueles elementos associados à morte, à agressividade e à destruição. Já os desenhos preferidos por elas são aqueles considerados delicados: são pequenos, coloridos e representam a idéia de fragilidade, como as flores e as borboletas. Os locais tatuados raramente se confundem. Os homens tatuam geralmente os braços, ressaltando a força muscular como característica masculina. As mulheres, por outro lado, buscam áreas menores e por vezes escondidas, como a nuca, o pé e as costas. Como atesta o tatuador Mauro, do estúdio de Tatuagem e Bobby Piercing by Mauro Jorge: “embora a tatuagem masculina seja mais interessante para poder mostrar minha arte porque normalmente são maiores e mais trabalhosas, as tatuagens femininas são mais comerciais e esse público, para nós, é maior”.

A escolha por um desenho envolve vários motivos. Nem sempre a escolha está claramente disposta de forma lógica. A forma de escolha de um desenho pode ser longa, durando anos e envolvendo uma pesquisa por parte do tatuado sobre a imagem e o seu significado, ou pode ser curta, quase instantânea, a partir dos desenhos disponíveis em um estúdio de tatuagem.

Algumas vezes, uma tatuagem é realizada para se pertencer a um determinado grupo social e, em outros casos, é a necessidade de distinção, de ter um desenho único, que move a escolha: “Elle est une signature de soi, elle affirme avec force une individualité” (LE BRETON, 2002, p. 165). A distinção está relacionada a uma singularidade, a uma concepção de individualismo. Assim, mesmo os desenhos de catálogo são normalmente modificados pelos tatuadores, de forma que se tornem únicos.

Outra forma de se escolher desenhos e locais do corpo a serem tatuados é a dinâmica esconder/revelar, que traduz a idéia por parte do tatuado sobre o quão interessante é mostrar sua marca em público ou não, e em quais situações. Esta dinâmica está relacionada ao mercado de trabalho e à tatuagem como um elemento de sedução. Como afirma GARCIA (2006): “dependendo da escolha do local e da imagem tatuada exibida, organiza-se um jogo entre fetiche, desejo e erotismo. Mostrar e/ou esconder a tattoo são atitudes subjetivas desse jogo. A tatuagem normalmente informa alguma coisa. Hoje existem pessoas dispostas a sacrificar a pele para gravar figuras que cativam, excitam, polemizam e embelezam, transformam a imagem do corpo”.

3.1 Os vários estilos de tatuagens

Existem nos estúdios vários álbuns de desenhos, em que o cliente pode consultar para tirar idéias ou mesmo copiar os desenhos. Os álbuns costumam ser classificados em diferentes categorias. As mais comuns encontradas são: tribais, caveiras, guerreiros, desenhos femininos (corações, flores, etc), dragões e desenhos orientais. Mas também existe a forma de desenho mais autoral, no qual o tatuador desenha na hora, no papel ou direto na pele do cliente.⁴

Mas hoje, existem milhares de sites na internet sobre o assunto tatuagem no qual os interessados podem copiar ou fazer desenhos parecidos com os que são apresentados. Muitos tatuadores colocam sua arte exposta nos sites para que as pessoas conheçam um pouco do seu trabalho.

3.2 Os desenhos femininos e masculinos

⁴ Técnica conhecida como *free hand*, a mais valorizada no universo da tatuagem. Utiliza-se lápis cópia para marcar o desenho na pele, ao invés do papel, segundo as curvas do corpo do cliente. Para esta técnica, o domínio de desenho é fundamental. O domínio da arte de desenhar é uma das habilidades mais valorizadas pelos tatuadores.

Existem desenhos que são criados especialmente para mulheres, chamados “desenhos femininos”. Eles se diferenciam pela temática, envolvendo corações, fadas, anjos, estrelas, flores, enfim, desenhos com uma certa delicadeza. Estes desenhos podem ser classificados de três formas: aqueles usados apenas por mulheres, os preferidos pelos homens, e os que são escolhidos por ambos. A região do corpo a ser tatuada também pode diferir bastante entre homens e mulheres, havendo regiões que são preferidas por elas e outras por eles, e ainda algumas tatuadas por ambos.

Os “desenhos femininos”, muitas vezes, apresentam um aspecto infantil, como bonecas e anjos. Os animais escolhidos por elas são domésticos ou vistos como inofensivos, como beija-flores e golfinhos. Nos dias de hoje, existe uma procura muito grande por flores, borboletas e estrelas. Fadas, unicórnios e outros elementos mitológicos também são procurados. Não ter um desenho que remeta ao repertório masculino, nem localizá-lo numa região do corpo considerada masculina, parece ser uma preocupação da maioria.



Figura 1 – tatuagem de anjo



Figura 2 – tatuagem de golfinho

As diferenças culturais entre os gêneros, segundo Bourdieu (2003), “estão inscritas em seus corpos, segundo a noção de *habitus*”. O *habitus* é uma lei social incorporada. A força simbólica que a sociedade exerce sobre o indivíduo, diz ele, “exerce também e, sobretudo, sobre os corpos. Assim, os corpos femininos e masculinos se diferenciam quanto a uma série de movimentos, posições e posturas que traduzem as diferenças pensadas e

construídas sobre os gêneros, ou pelo menos se observa os corpos como tendo estas diferenças”.

Para Bordieu, 2003:

As sociedades são organizadas segundo uma diferenciação entre os gêneros que dispõe o masculino como preponderante, o que chama de dominação masculina. Esta dominação impõe uma visão androcêntrica de mundo, onde o que é masculino é visto como neutro, sem necessidade de ser enunciado em discursos que visem legitimar esta visão. A dominação masculina cria estruturas práticas de diferenciação entre os sexos tanto quanto estruturas mentais. (BORDIEU, 2003, p. 122).

Para clientes e tatuadores existe a preocupação de se tornar femininos certos desenhos que trazem a idéia de agressividade, como o dragão, porque a agressividade é considerada uma característica masculina e o feminino é construído justamente na delicadeza dos desenhos. As áreas tatuadas, da mesma forma, seguem esta lógica de diferenciação, fazendo-se questão de não tatuar regiões que são destinadas, por tradição, ao sexo oposto. As distinções entre os gêneros explicam, ainda, porque as tatuagens dos homens costumam ser maiores que as tatuagens das mulheres, relacionadas à idéia de agressividade e afirmação de virilidade, enquanto as tatuagens femininas são pequenas e se referem a desenhos que sugerem fragilidade, doçura ou mesmo infantilidade.

Segundo Lipovetsky, (2000) existem três modelos de mulher no imaginário ocidental que podem ser úteis para a presente análise: a “primeira mulher” é aquela que constitui o estereótipo da bruxa, diabolizada e desprezada; a “segunda mulher”, ao contrário, relaciona-se à idéia de uma maternidade ou virgindade idealizadas e sacralizadas; já a “terceira mulher”, contemporânea, é autônoma e livre para escolher seu próprio destino.

Estes modelos acima descritos por parecem os mesmos modelos em uso no universo da tatuagem. A mulher vulgar confunde-se com a “primeira mulher”, possuindo um tipo de beleza *vamp*, conforme terminologia do autor. A tatuagem da mulher *vamp* é aquela que atrai atenção para os atributos femininos corporais de beleza e erotismo, supervalorizando aquilo que já é foco de atenção normalmente e, por isso, criando a idéia de vulgaridade. A tatuagem da “segunda mulher” (embora não se consiga imaginá-la tatuada) é a tatuagem da “mulherzinha”, infantil, pequena, doce e sem erotismo. A “terceira

mulher”, aquela que constitui o modelo de equilíbrio, tatua-se buscando a beleza dialética da *pinup*. Seria uma tatuagem erótica, porém, se considerar vulgar, abusando do jogo de olhares que é utilizado na dinâmica entre revelar e esconder a sua marca.

Embora não exista a classificação de desenhos masculinos, vê-se um determinado modelo de tatuagem que valoriza a força física, a tolerância à dor, a agressividade (física ou simbólica), a mulher como objeto; todos demonstrando uma forma de masculinidade.

Hoje, a preferência, tanto por homens quanto pelas mulheres, é pela tatuagem tribal. Os desenhos tribais são imagens inspiradas nas tatuagens dos povos indígenas das ilhas do Pacífico, em especial do povo Maori, que chegaram ao mundo ocidental através dos marinheiros e viajantes, que seduzidos com essa arte, trouxeram tais imagens em seus próprios corpos. Caracterizam-se por ter um estilo monocromático, não figurativo, composto por arabescos que configuram diferentes movimentos e formas. Como afirma Célia Ramos, “são desenhos que não só se adaptam a qualquer corpo como a qualquer tempo” (RAMOS, 2001, p.169). É uma forma de ajudar a compreender sua passagem da tatuagem através da história e das culturas, com períodos em que ficam esquecidos e outros em que ganham um importante prestígio, tal como acontece desde os anos oitenta, quando viraram moda.



Figura 3 – tatuagem tribal

Além da preferência pelos desenhos tribais, de acordo com as tendências divididas pelo sexo, encontra-se, no caso das mulheres, uma importante inclinação pelos motivos de flores e de borboletas, indicando uma

conotação com os valores femininos tais como a ternura, o delicado e/ou o bonito.



Figura 4 – tatuagem de borboleta

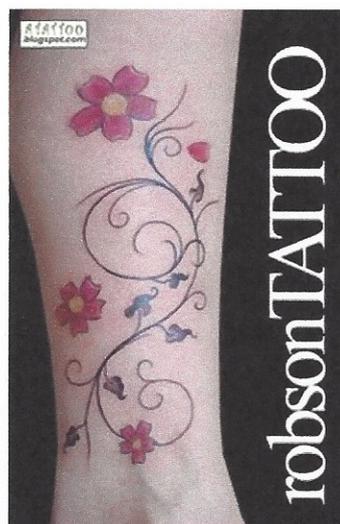


Figura 5 – tatuagem de flores de cerejeira

Já no caso dos homens, são imagens relacionadas com o sentido de selvagem e que sugerem uma conotação com valores masculinos, que se podem agrupar em duas linhas: os chamados “índios”, que estariam denotando o espírito guerreiro como uma forma de ver a “natureza humana selvagem”, e os animais selvagens e/ou mitológicos como o tigre, a pantera, e a cobra, que expressariam a ferocidade, o perigo, a agilidade.



Figura 6 – tatuagem indígena

Em seguida, vê-se como tendência comum, os motivos de uma linha mística, que incluía fada, mago e duende, trazendo idéias de mistério, sorte e encantamento.

Nas escolhas masculinas minoritárias, mas ainda significativas, estão as de demônios, crânios e esqueletos, que recriam “antivalores” como a morte, o medo, o feio, o mal, e também sublimam a valentia e o poder dos homens ante o mundo obscuro do tenebroso. Desta mesma forma, encontram-se as escolhas de desenhos de mulheres, nas quais incluí as sereias, reminiscências dos marinheiros, e as *pinups girls* americanas, bonecas sensuais que decoravam as paredes dos bares durante os anos sessenta e que foram adaptadas para a tatuagem.



Figura 7 – tatuagem de caveira(“skull”)



Figura 8 – Betty Boop (boneca sensual)

Logo em seguida, estão os desenhos conhecidos como “tradicionais”, como os de origem religiosa, que fazem parte da adoração do catolicismo. Dentro dessa mesma linha, incluem-se todos aqueles que foram considerados “moda”, em diferentes momentos e contextos em que se desenvolveu a prática da tatuagem, no mundo de marinheiros, da malandragem, dos presidiários e dos grupos juvenis dos anos sessenta, setenta e oitenta - choppers, hippies, punks - sendo, na atualidade, parte das opções de se tatuar, porém, com uma nova linguagem técnica e expressiva.



Figura 9 – tatuagem de cruz

Entre as escolhas minoritárias entre as encontram-se os astros: sol, lua e estrelas, dentro de uma linha místico-cósmica, que faz parte da atração atual por tal tipo de referentes. Logo depois estão os corações, motivo associado ao tema do amor. Ainda que esse desenho seja mais acolhido dentro do público feminino, também os homens o procuram, sendo freqüente encontrar casais que tatuam igualmente tal imagem.



Figura 10 – tatuagem de sol e lua



Figura 11 – tatuagem de coração

Outra das escolhas compartilhadas, são os desenhos orientais, com motivos como dragões, máscaras, ideogramas. Esses desenhos provêm da tradição japonesa e, desde a época em que se tornaram conhecidos, nos meados do século XIX, têm sido bastante apreciados pelo mundo ocidental. E houve um crescimento ainda maior, segundo Pierrat (2000), “nos anos sessenta, quando, através da ilha do Hawaii, aumentou o contato com os colegas japoneses, tendo sido sua iconografia integrada e adaptada à prática da tatuagem no Ocidente” (PIERRAT, 2000, p. 211).



Figura 12 – tatuagem oriental de cobra



Figura 13 – tatuagem oriental de dragão

E por último, ressalta-se as escolhas mais atuais, tais como: os rostos, as fotos, os *comics* e a criação. Na linha de rostos, dois estilos predominam: o realista, no qual incluem-se fotos ou imagens de cantores, artistas, líderes, ídolos, ou familiares que são gravados na pele, o mais realista possível; e o expressionista, que são rostos disformes, caracterizada pelo uso de sombras, de cores cinzas e de motivos mórbidos e macabros.

Os desenhos do tipo *comics*, são aqueles que se recriam os ídolos de séries de televisão e de histórias em quadrinhos, espaços altamente expressivos da cultura visual, e que constituem para as novas gerações importantes referentes simbólicos.



Figura 14 – tatuagem da personagem de quadrinhos Elektra

Já os conhecidos como de criação, são aquelas tatuagens realizadas pelo tatuador, seja sobre um tema dado pelo cliente ou sobre sua livre inspiração, conhecidos como *freehand*.

As escolhas do local da tatuagem sugerem também a diferenciação entre homens e mulheres, como no caso dos homens, em que a escolha de braços e costas faz parte de uma simbolização de virilidade e, nas mulheres, locais, como a parte baixa das costas, o quadril, o pescoço e os pés, estão associados com à sensualidade.

Por exemplo, a nuca e o pescoço são áreas femininas escolhidas por razões que vão além da possibilidade de se esconder a marca. Por um lado, como a região é pouco extensa, permite tatuagens menores, tipicamente femininas, muito embora as costas sejam uma região extensa e bastante procurada por elas. Por outro lado, a possibilidade de revelar/esconder a marca utilizando os cabelos longos faz com que apenas poucas pessoas tenham acesso à visão da tatuagem, o que a torna um elemento mais valorizado, de difícil acesso.



Figura 15 – tatuagem de estrelas

Não se trata, portanto, de chamar a atenção para a região, mas de revelar a tatuagem, num possível jogo de sedução e na abertura da intimidade a uma outra pessoa. A marca no pescoço não é um elemento de sedução primário, pois só é realmente percebida depois de uma aproximação, e só é revelado se for intenção da tatuada.

Durante os anos oitenta, Sanders (1988), realizou uma pesquisa no Estados Unidos onde mostrava a preferência dos homens pelos braços (71%),

e das mulheres pelos seios (31%), ombro/costas (13%) e cadeiras (10%)⁵. Apesar de existir algumas variações, em essência se mantêm pelas preferências das partes corporais associadas aos valores mencionados da masculinidade e da feminilidade.

Embora, Sanders não faça uma associação entre o local da tatuagem e gênero, quando aborda os desenhos preferidos por homens e mulheres, afirma:

The designs chosen by men are usually larger than those favored by women and, rather than employing the gentle imagery of nature and mythology (flowers, birds, butterflies...), they frequently symbolize more violent impulses. Snakes, bloody daggers, skulls... are dominant images in the conventional repertoire of tattoo designs chose by men (SANDERS, 1988, p. 415).

3.3 Originalidade e modismos

Existem duas formas de escolha dos desenhos: aqueles que estão nos catálogos nos estúdios, e os chamados "individualizados", feitos especificamente para um cliente. Esta diferenciação apresenta um sentido dado pelos tatuados à sua marca: tornando-se não apenas de distinção, mas também de autonomia.

Toda pessoa que quer se tatuar enfrenta alguns dilemas ao optar por marcar sua pele: qual desenho tatuar e em que parte do corpo? Esconder ou mostrar a tatuagem? Para alguns, essa escolha do desenho pode ser muitíssimo difícil e criteriosa, envolvendo anos de pesquisa e busca por algo que se considere ideal. Para outros, a escolha é rápida, como se a marca fosse mais importante do que o desenho. Senda essa a prática mais comum.

Fazer uma tatuagem representa um interesse estritamente pessoal, influenciado por uma quantidade ilimitada de fatores, expressando o que se pensa, o que se faz (profissão, *hobby*), um momento da vida, e também o

⁵ O universo de pesquisa no qual se fundamentou o autor foi, de um lado, 163 pessoas que assistiram à Convenção Nacional da Associação de Tatuagem da Filadélfia, realizada em 1984, nas quais aplicou um teste. E, de outro lado, 16 entrevistas semi-estruturadas (SANDERS, 1988, p. 404).

apreço estético, a preferência por um determinado tipo de desenho ou estilo de tatuagem.

A associação da tatuagem como uma marca de distinção, pode explicar por que, em alguns casos, o desenho não é tão relevante quanto a própria marca. Portá-la é, por si só, um sinal de distinção, que se converte numa afirmação de individualidade e autonomia, uma afirmação de si.

O modismo ocorre quando uma pessoa imita outras, querendo pertencer a um determinado grupo, como surfista ou lutadores por exemplo; existindo um processo de influência da sociedade sobre o indivíduo. Já a originalidade consiste no sujeito que tem um gosto próprio, faz uma tatuagem pra si mesmo, querendo ter autonomia e se distinguir dos demais.

4. A TATUAGEM COMO EXPRESSÃO DE UM MOMENTO NA VIDA

A tatuagem apresenta-se como uma forma de construção de um determinado modelo de individualismo, onde o papel da distinção é fundamental, e caracteriza-se por marcar um momento da vida ou uma pessoa em especial, expressando assim seus sentimentos, operando um processo de ganho de autonomia pessoal.

A tatuagem é uma espécie de mancha que marca a pele, tirando dela o liso original. Nas sociedades contemporâneas, a pele lisa é altamente valorizada, pois remete à juventude. Segundo Sant'anna (2001), "uma pele lisa é uma pele sem história, uma pele que não 'fala' sobre o Eu que recobre. Mas como mesmo o silêncio 'diz' algo, a pele lisa fala sobre o valor da juventude, ideal a ser alcançado, e sobre o encobrimento das histórias pessoais, como se a vida devesse ser um eterno presente, sem passado e conseqüentemente sem futuro"(SANT'ANNA, 2001).

A pele marcada com a tatuagem é uma pele marcada com uma história pessoal, onde não existe o desejo de ser apagada, pelo contrário, demonstra o desejo de permanência. Como em uma marcação à vida baseada em momentos, a tatuagem fixa a história do sujeito na própria pele.

A idéia de que a tatuagem marca a pessoa levando à uma reflexão sobre algum momento de vida, não quer dizer, exatamente, que o desenho tatuado venha de uma reflexão profunda sobre este momento vivido. Segundo Almeida (2001), uma psicóloga que faz uma pesquisa sobre a tatuagem e a formação de subjetividade entre sujeitos de classe média de Rio de Janeiro, existem "casos em que a tatuagem é efetuada por um desejo momentâneo, em oposição à idéia de um processo reflexivo" (ALMEIDA, 2001). Sendo assim, entende-se que é a tatuagem que marca o momento, tornando-o parte da história de vida da pessoa. Ou seja, o momento de se tatuar pode ser escolhido aleatoriamente, mas a tatuagem marca este momento para sempre.

A vida contemporânea é fugaz, e fazer a tatuagem é uma forma de marcar *para sempre* um momento que poderia ser perdido. A tattoo pode expressar sentimentos, valores, gostos e aspirações pessoais. Assim, ela

comunica uma parte da vida e das crenças pessoais marcando a própria pele. A tatuagem é uma das marcas que o sujeito escolhe pra contar parte de sua história.

4.1 A procura pelo “ser diferente”

Quando o sujeito se tatua, ele está buscando diferenciar-se, sair do meio da multidão, possuir algo que o singularize, que o destaque, que o torne especial. Esse sentido de diferenciação está relacionado ao reconhecimento de que o sujeito tenha seu lugar próprio, porque ninguém quer ser igual aos outros. E essa diferença é construída dentro de um grupo que gosta de fazer modificações corporais, como a realização de tatuagens, tornando essa marca como um ato “original”, “exclusivo”, “diferencial”, dentro de seu mundo social e de seu meio de convivência.

Este sentido da tatuagem é bastante explorado dentro da bibliografia consultada. Como destaca Sanders (1988), o impacto que a tatuagem gera sobre a definição do self: “the consistently conceive of the tattoo as having impact on their definition of self and demonstrating of others information about their unique interests and social connections” (SANDERS, 1988, p. 416).

Existem algumas direções que indicam essa busca pela diferenciação através da prática da tatuagem: no campo emotivo, relacionado com a experiência de se tatuar, onde provam sua capacidade de autocontrole diante da dor, reiterando sentimentos de coragem, de autoconfiança e de força psicológica; uma segunda direção, sendo mais no aspecto reflexivo, na formulação de metas e projetos de vida, expressando uma satisfação por estarem realizando algo que lhes é realmente significativo: a marcação de seu corpo de acordo com seus ideais, seus gostos e suas buscas individuais. E a terceira direção, no âmbito do social, onde se reafirma o sentido de diferenciação individual. Aqui o ato de tatuar-se traz consigo uma importante mudança na forma como o indivíduo é visto pelos outros, passando de uma pessoa comum a uma pessoa “tatuada”, despertando a curiosidade, a

admiração de uns e a rejeição de outros, mas não passando despercebida em nenhum lugar onde se exhiba, ainda mais quando possui grande parte do corpo tatuado. É essa a sensação que se deseja: sentir-se importante, seguro, diferente, o centro das atenções.

Seja qual for a direção escolhida, a idéia é de sentir o prazer de ser tocado pelo olhar, alguns com admiração, alguns com repulsa, mas sempre existindo uma reação, um “diálogo” com o olhar do outro.

4.2 A necessidade de tatuar-se

A vontade de tatuar-se vem com uma força do irresistível, do que está por cima da razão e se coloca na dimensão dos impulsos vitais. Mas como surge essa vontade? Seria por impulsividade ou por necessidade do indivíduo? Segundo alguns autores, como Almeida (2001), é que depois que se faz a primeira tatuagem existe uma tendência a continuar, e não se consegue mais parar o processo de modificação corporal, que se converte numa “vontade incontrolável que costuma assolar aos tatuados”. Só existe a limitação pela sociedade por motivos profissionais, ou pelo próprio indivíduo pelo temor que sentem de “acabar [se deixando] tatuar inteiramente”. Dessa forma, a autora argumenta que se delineia “uma modalidade de ‘tentação’ tão forte que não oferece ao sujeito outra saída que não o rompimento físico com o grupo de tatuados do qual ele faz parte” (ALMEIDA, 2001, p. 9-10).

O ato de tatuar-se começa numa necessidade expressa na forma emotiva (de vontade), a partir do momento em que o sujeito se envolve dentro de uma prática muda sua forma de ser, de pensar, não pela tatuagem em si, mas através do todo que vive durante esse processo. Por isso, é uma experiência altamente significativa que ajuda o indivíduo a se construir. Proporciona a este um pouco mais de sentido a dificuldade de existir, fazendo ícone o seu próprio corpo.

4.3 Uma Experiência Exclusiva: a da Autora

A escolha desse tema talvez seja uma coincidência, porque eu⁶ estava vivendo um momento especial na minha vida e ao mesmo tempo procurando um assunto para minha monografia de conclusão de curso da pós-graduação. Sempre tive vontade de fazer uma tatuagem, mas ao longo dos anos fui adiando.

A minha paixão por tatuagem vem desde a adolescência. Lembro de ter gostado de um desenho em uma revista (acho que era um coração), mas meus pais não deixaram de jeito nenhum. Na segunda tentativa de fazer a tatuagem, chegando, inclusive, a marcar com o tatuador, escolhi o desenho de um coração do artista Romero Britto, o qual sou apaixonada também. Mas como tive que fazer uma cirurgia na época, adiei mais uma vez a minha primeira tatuagem.

Foi, então, que conheci ano passado uma pessoa que também adora tatuagens e começamos a conversar sobre o assunto. Ela me deu a maior força, me mostrou alguns desenhos que ficariam bonitos em mim, mandou fotos de mulheres tatuadas. Decidi conversar com várias pessoas que já fizeram tatuagens e pedir indicações de bons profissionais aqui na cidade. Fui primeiro em um profissional que me indicaram ser o melhor de Juiz de Fora, porém, o atendimento foi meio frio e o profissional mesmo não fazia o tipo de tatuagem que eu queria.

Resolvi visitar outro estúdio onde me disseram que o tatuador era muito bom. Eu já tinha visto algumas tatuagens que ele havia feito e gostado muito. Inclusive, o preço era melhor que do anterior. Quando cheguei, fui bem atendida e, por sorte, o profissional estava no balcão. Comecei a conversar com ele sobre minhas idéias e ele me mostrou alguns desenhos bem parecidos com o que eu queria. Não seria um desenho igual, porque ele faria *freehand*, mas já dava para visualizar como seria a tatuagem. Marquei o dia, mas avisei que queria fazer o mais rápido possível.

⁶ A autora usará a primeira pessoa neste capítulo para contar sua experiência.

Então, conversando com minha orientadora (outra apaixonada por tatuagens), ela aconselhou-me a fazer minha pesquisa sobre a minha própria experiência. Resolvi pesquisar sobre a tatuagem, e descobri que este universo é muito mais interessante do que eu imaginava.

4.3.1 O desenho

Quando fui procurar o tatuador João⁷, queria fazer umas flores com uns ramos, mas não sabia exatamente qual o desenho. Queria algo sexy, mas feminino. Nada muito grande, mas que desse pra perceber. Levei umas fotos ao estúdio para ele ter uma idéia do que eu queria. Escolhi uma tatuagem parecida com a foto de uma mulher que tatuou o pé. Linda a tatuagem! Escolhi uns ramos desenhados em preto com umas flores coloridas. Sou apaixonada por cores. Não queria que minha tatuagem fosse toda em preto, então, decidimos colocar cada flor com uma cor. Fizemos nas costas descendo até o bumbum. A idéia é só mostrar se eu quiser e onde eu quiser.

4.3.2 O significado

Escolhi as flores que achei mais bonitas, sem pretensão de algum significado. Então, a atendente da loja me disse que elas tinham um nome: Sakura (em japonês) ou flor de cerejeira. Achei interessante as flores terem um nome. Como estava no processo de pesquisar sobre tatuagens para o meu trabalho, resolvi pesquisar o significado dessas flores na Internet. E para minha

⁷ João é um pseudônimo escolhido para o presente trabalho para preservação da identidade do tatuador.

surpresa o significado era lindo e perfeito para o que eu estava passando, aquele específico momento da minha vida⁸.

Foi uma experiência altamente significativa. Senti-me como muitas pessoas pesquisadas neste trabalho, dona de minha vida, fazendo do meu corpo um ícone de experiências que são importantes para mim.

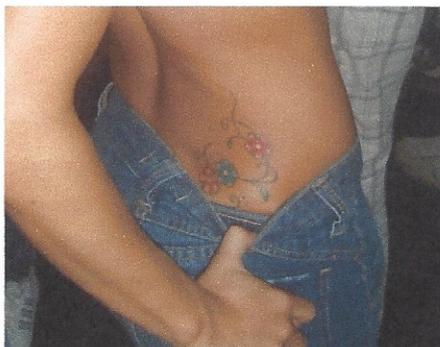


Figura 16 – tatuagem da autora

⁸ A Flor de cerejeira no Japão ou o florescer da cerejeira (sakura) é uma metáfora para vida um sumário, florescendo brilhante, seguidamente antes do outono inevitável. Flor de cereja é um símbolo da beleza feminina e sexualidade adicional, a flor de cereja também é o símbolo chinês feminino, e simboliza o amor em um idioma das ervas. A flor de cereja é um símbolo comum moku hanga, isso é, uma arte japonesa tradicional que data muitos séculos atrás, e como uma consequência, é caracterizada freqüentemente em tatuagens que retratam contextos orientais.

O desenho da flor de cerejeira tem seu significado no Bushido, o código do samurai, leva a flor de cereja como seu emblema. O florescer da árvore de cereja é a mais pura manifestação de beleza na cultura japonesa, entretanto a flor enfraquece rapidamente e é espalhada pelo vento. Esta é a morte perfeita para um verdadeiro guerreiro que viveu com consciência constante e aceitação da filosofia Samurai e a natureza transitória de existência. A essência de Bushido, ou o Modo do Guerreiro, o verdadeiro Samurai vive conhecendo diariamente. O lema de um samurai é, " Este é um dia bom para morrer ". A flor de cereja como desenho de tatuagem é uma lembrança poderosa que a vida é passageira e nós temos que viver o presente e temos que apreciar todo momento se despertando, pois podem ser nossos últimos momentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tatuagem é um sinal visível inscrito na própria pele graças à injeção de uma matéria colorida na derme. Diferentemente da maquiagem, efêmera, feminina e destinada ao rosto, a tatuagem é definitiva, é feita entre homens e mulheres, e atinge essencialmente o conjunto do corpo (ombro, braço, peito, costas, etc), mais raramente o rosto. Por muito tempo a tatuagem foi associada à "primitividade" daqueles que a ela recorriam.(...) Hoje, a tatuagem sai da clandestinidade e afasta-se da imagem ruim que por muito tempo carregou (LE BRETON, 2005, p.34-35).

O presente trabalho apresenta alguns estudos sobre a prática contemporânea da tatuagem, o perfil dos tatuados e o contraste que existe entre a realidade e o que se imagina desse universo. A partir deste perfil e dos valores que levam um indivíduo a se tatuar, pôde-se fazer uma interpretação sobre a prática relacionada ao gênero, à idade, aos sentimentos, à procura da autonomia relacionada às idéias de originalidade e autenticidade, contrariando o que a sociedade, a família ou o mercado de trabalho impõem.

A prática da tatuagem tornou-se mais popular, tendo crescimento de público e conseqüentemente dos estúdios. Ao longo deste estudo, percebeu-se que o público havia se alterado de uma clientela jovem e masculina para faixas etárias um pouco mais velhas e majoritariamente femininas.

A nova visão que se tenta fazer da tatuagem é torná-la mais profissional e considerá-la uma arte, através do valor que se dá ao corpo e a estética nos dias de hoje, convertendo a tatuagem num adorno corporal.

E também a busca do indivíduo através da tatuagem pela diferenciação, pela individualidade, e ao mesmo tempo ao pertencimento à algum grupo. É uma construção pessoal que envolve um processo vivencial, através do qual o sujeito fabrica em seu corpo a criação de um significativo processo de autoconhecimento.

A tatuagem está vinculada com o mundo emotivo do indivíduo, mas isso não significa que seja sua única motivação. Existem aqueles que se tatuam por impulso, mas normalmente esse processo mobiliza importantes momentos de reflexão, pensando numa forma de exteriorizar seu mundo interno, de construir sua "segunda pele. A pele, neste caso, se torna deslocada do sujeito,

ganhando vida própria. É através dela, que o indivíduo vai contando sua história e marcando seu corpo com os momentos importantes de sua vida.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. **Nada além da epiderme: a performance romântica da tatuagem.** In: *Psicologia Clínica*, 12(2). Rio de Janeiro: PUC, 2001, p.103-123.
- BERGER, Mirela . **Corpo e identidade feminina**, Tese de doutorado, PPGAS, FFLCH, USP, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. **La Distinction: critique sociale du jugement.** Paris: Les Editions de Minuit, 1979.
- _____. **Alta costura e alta cultura.** In: _____. *Questões de Sociologia.* Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- GARCIA, W. (org.). **Corpo e subjetividade.** São Paulo: Factash, 2006.
- LE BRETON, David. **La Sociologie du Corps.** Paris: PUF, 1992. 5a édition.
- _____. **Anthropologie de la Douleur.** Paris: Métailié, 1995.
- _____. **Signes D'identité: tatouages, piercings et autres marques corporelles.** Paris: Métailié, 2002.
- LEITÃO, Débora Krischke. **O Corpo Ilustrado: um estudo antropológico sobre usos e significados da tatuagem contemporânea.** Porto Alegre: Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A Terceira Mulher: permanência e revolução do feminino.** São Paulo: Cia. das Letras, 2000
- PALOMINO, Erika. **Babado Forte – moda, música e noite.** São Paulo: Mandarim, 1999.
- PIERRAT, JÉRÔNNE. **Les hommes illustrés. Le tatouage des origines a nos jours.** Paris: Larivière, 2000.
- RANDALL, H e POLHEMUS, T. **The costumized body.** London: Serpent's Tail, 2000.
- RAMOS, Célia. **Teorias da tatuagem. Corpo tatuado.** Florianópolis: UDESC, 2001.
- REVEL, Jacques; PETER, Jean-Pierre. **O corpo: o homem doente e sua história.** In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (orgs.). **História: novos objetos.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- SENRA, S. **A tela e a pele: cinema, vídeo e computador.** In: Bousso, V. D. (org.). **Metacorpos.** São Paulo: Paço das Artes, 2003.
- SANDERS, Clinton. Marks of mischief. **Becoming and being tattooed.** Journal of contemporary ethnography. V. 16, N. 4, jan.1998.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. **Entre a pele e a paisagem.** In: *Projeto História.* n. 23, Nov 2001. São Paulo: Educ.